



e-ISSN: 2177-8183

DOSSIÊ “ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E SAÚDE MENTAL NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS”

Shirley Macêdo

shirley.macedo@univasf.edu.br

Doutora em Psicologia Clínica. Docente da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

espindula.joelma@ufr.br

Doutora em Ciências. Docente da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Alessandro de Magalhães Gemino

alessandrogemino@gmail.com

Doutor em Psicologia. Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

EDITORIAL

O Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi instituído em virtude das medidas de contenção da transmissibilidade da COVID-19 como alternativa para que as instituições educativas pudessem seguir seus calendários letivos, já que houve necessidade da suspensão das aulas presenciais. Frente ao cenário, as Instituições de Ensino Superior (IES), ao optarem por uma nova metodologia de ensino, ofertaram remotamente capacitações para o uso de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), e de ferramentas de ensino/metodologias ativas de avaliação para docentes lecionarem on-line.

O ERE não é Ensino à Distância (EaD), visto que este último, dentre outras diferenças, oferta suporte contínuo e sistemático aos processos de ensino-aprendizagem, resulta de design planejado e adota avaliação eficiente e meticulosa (MACÊDO *et al*, 2021), aspectos que não contemplam as adaptações das IES ao

ERE, pois neste não se prescreve um ambiente educacional de ponta, mas simplesmente se objetiva possibilitar acesso rápido ao ensino, ofertando suporte aos docentes e discentes em momentos de crise, como foi o caso da pandemia da COVID-19.

Nessa nova modalidade de ensino, os docentes assumem maior controle do design e desenvolvem sozinhos processos de implementação das disciplinas, improvisando soluções rápidas em circunstâncias muitas vezes inadequadas, principalmente diante do contexto de *home office* que precisaram instalar para dar conta de suas atribuições funcionais de ensino, pesquisa e extensão. Todos esses fatores podem gerar desgaste no trabalho e afetar suas percepções dos resultados/qualidade do seu fazer cotidiano.

É preciso lembrar que esses profissionais já vinham enfrentando no Brasil desvalorização social, econômica e política, além de sobrecarga de trabalho, em virtude, dentre outros, da cultura da alta performance e do produtivismo acadêmico. Tudo isso foi agravado quando eles tiveram que, durante uma crise sem precedentes na história da humanidade, enfrentar diversos desafios atípicos: uso de novas TDIC; reinvenção da prática pedagógica e do contexto das relações interpessoais com seus alunos; atendimento aos universitários, que muitas vezes extrapolaram seus expedientes diários de trabalho; além de exigências de oferta de serviços ou mesmo atendimento a esses alunos por diferentes TDICs.

Além disso, tiveram que adequar seus espaços de trabalho no contexto de suas residências, sobrepondo papéis sociais de sua vida pessoal/atividades domésticas ao seu papel de trabalhador no exercício de suas atividades funcionais como docente. Conseqüentemente, o tempo dedicado ao trabalho aumentou consideravelmente. Todos esses fatores de risco podem resultar emnexo causal doença-trabalho, como apontam estudos realizados recentemente, a exemplo do de Macêdo, Amorim e Souza (2021).

Por sua vez, estudantes, sejam de graduação ou pós-graduação, enfrentaram diversos obstáculos, para além daqueles que já vinham enfrentando diante de inúmeros fatores de risco, os quais permitem que determinados autores identifiquem o sofrimento entre universitários como uma questão de saúde pública (a exemplo de PADOVANI *et al.*, 2014). Muitos desses estudantes nem sempre têm acesso de qualidade ao ERE e a TDIC para auxiliá-los nas atividades on-line e/ou não dispõem de ambiente doméstico apropriado para estudar, também sendo afetados em sua saúde mental. Destacamos, aqui, aqueles que, além de tudo, enfrentam adversidades como falta de recursos por estarem em vulnerabilidade social ou mesmo perderam suas bolsas estudantis; além, é claro, daqueles que são pessoas com deficiência. Tais fatores podem interferir na motivação para estudar e na necessidade/vontade de abandonar a vida acadêmica.

Essas problemáticas, além de sinalizar mais desigualdades na educação brasileira, principalmente por estudantes de IES públicas, foram enfrentadas com acesso precário às aulas online, sobrecarga de atividades síncronas/assíncronas, insegurança diante de maior exigência de autonomia e novos tipos de avaliação. Alguns universitários tiveram, inclusive, comprometimento do prazo de conclusão de seus cursos.

Nesse sentido, é realidade vivida, tanto por discentes, docentes e demais trabalhadores da educação, o excesso de exposição às TDIC e a falta de contato/convívio interpessoal na rotina acadêmica durante o ERE e o distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19. Esses sujeitos, portanto, tiveram potencializados fatores de riscos à manutenção de sua saúde mental, frente a uma realidade social que, além de evidenciar a fragilidade dos sistemas educacional e de saúde pública do nosso país, gerou pressões institucionais para reestruturação da dinâmica de ensino-aprendizagem.

Para lidar com esses impasses, algumas instituições aplicaram programas de acessibilidade digital para seus discentes e ofertaram oficinas, rodas de conversa,

seminários e mesas redondas sobre o impacto da pandemia da COVID-19 e do trabalho remoto para a comunidade acadêmica (MACÊDO; FARINHA; ESPÍNDULA, 2021; ESPÍNDULA, 2021). No entanto, deve-se salientar que não houve o devido comprometimento com a questão da acessibilidade para professores e estudantes com deficiência embora haja estudos que apontem, por exemplo, a participação de alunos estagiários e extensionistas com deficiência e em vulnerabilidade social realizando acolhimento psicológico on-line com eficácia e respeito mútuo (ESPÍNDULA, 2021).

Consideramos, portanto, ser preciso que estudiosos produzam conhecimentos denunciando os impactos do ERE e/ou propondo estratégias de enfrentamento do cenário e promoção de saúde mental para as universidades, até porque a pandemia não acabou e há indicadores científicos que a humanidade ainda vai enfrentar muitos contextos pandêmicos futuramente.

Por isso, entendemos a importância deste Dossiê, que tem por objetivo disseminar produções de conhecimento sobre a realidade do ERE, seus impactos na saúde mental das comunidades acadêmicas das universidades brasileiras, sejam públicas ou privadas, assim como sobre as possibilidades de intervenção no sentido de promoção de saúde e bem estar.

Portanto, os artigos que se seguem são de valiosa importância em um momento em que, mesmo tendo voltado presencialmente às suas atividades, as IES ainda enfrentam problemáticas geradas em consequência da pandemia e do ERE, dentre outras: necessidade de ações sistemáticas para intervir frente ao retorno da comunidade acadêmica para os corredores universitários; formato híbrido de ensino-aprendizagem; professores e demais trabalhadores da educação afastados do trabalho por motivo de adoecimentos físicos e/ou transtornos mentais e do comportamento; evasão escolar; diminuição dos recursos para manutenção de bolsas e programas de pós-graduação; e falta de medidas protetivas resultantes de políticas públicas de atenção à saúde mental da comunidade universitária.

Desejamos uma boa leitura dos artigos que compõem esse Dossiê e acreditamos que juntos e juntas, principalmente os envolvidos e envolvidas diretamente com as universidades brasileiras, possamos pensar em ações de transformação dessa realidade social, já que o futuro da Nação, mais do que nunca, precisa validar a importância do conhecimento científico para a preservação da humanidade.

REFERÊNCIAS

ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez. Aconselhamento psicológico on-line na UFRR: uma modalidade terapêutica de cuidado durante a pandemia COVID-19. In: In: ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez, ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. **Psicologia Fenomenológica e saúde mental durante a pandemia da COVID 19: experiências e pesquisas**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021, p. 46-72. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/psicol_fenomenologica_saude_mental_covid.pdf Acesso em 02 ago. 2022.

MACÊDO, Shirley; AMORIM, José Luís; SOUZA, Melina Pinheiro Gomes de. Distanciamento social na pandemia da covid-19: estudo com docentes universitárias. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e39455, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc27202139455>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/39455>. Acesso em 17 jul. 2022.

MACÊDO, Shirley; FARINHA, Marciana Gonçalves; ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez. Cuidado na universidade durante a pandemia da COVID-19: experiências em diferentes Instituições Federais de ensino. In: ESPÍNDULA, Joelma Ana Gutiérrez, ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre. **Psicologia Fenomenológica e saúde mental durante a pandemia da COVID 19: experiências e pesquisas**. Instituto de

Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021, p. 118-139. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/psicol_fenomenologica_saude_mental_covid.pdf
Acesso em 02 ago. 2022.

MACÊDO, Shirley; HOLANDA, Adriano Furtado; RIBEIRO, Ana Ruth Ramalho; SOUZA, Jermysom Guimarães de; AMORIM, José Luís; SOUZA, Maria Helena Maia; GUIMARÃES, Sílvia Helena de Castro Silva. **Cartilha Núcleo de Cuidado ao Estudante Universitário (NUCEU): orientações para processos de ensino-aprendizagem remotos na universidade com saúde e qualidade de vida.** Petrolina, PE: UNIVASF, 2021. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/cartilha-do-nuceu-com-orientacoes-para-processos-de-ensino-aprendizagem-remotos-sera-lancada-em-live-amanha-3/cartilha-final.pdf>. Acesso em 23 jul. 2022.

PADOVANI, R. C. et al. Vulnerabilidade e bem-estar psicológico do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapia Cognitiva**, v.10, n.1,p.02-10, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20140002>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18085687201400010002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 jul. 2022.